

Desvendando as Cicatrizes do Passado: Um Estudo Sobre as Implicações de Experiências Adversas na Infância – ACEs



<https://doi.org/10.56238/futuroeducpesqtrans-055>

Aline dos Santos Moreira de Carvalho

Doutoranda em Ciências da Educação - Universidad Columbia Del Paraguay

Gaudencio Vilela

Mestrando em Ciências da Educação - Universidad Columbia Del Paraguay

Thais Barros de Mesquita

Doutoranda em Ciências da Educação - Universidad Columbia Del Paraguay

Paulo Roberto Valdo Thomaz

Doutorando em Ciências da Educação - Universidad Columbia Del Paraguay

Joab Renan da Silva e Silva

Especialista em Psicologia Hospitalar e da Saúde pelo Instituto Líbano
Docência do Ensino Superior pela Universidade Norte do Paraná- UNOPAR

Ivaneide da Silva e Silva

Doutoranda em Ciências da Educação - Universidad Columbia Del Paraguay

Valeska Rogeria V Trinta

Doutoranda em Administração - Universidad Columbia Del Paraguay

Arquimedes Martins Gois

Doutorando em Administração - Universidad Columbia Del Paraguay

Josilene Souza Conceição Kaminski

Doutoranda em Ciências da Saúde - Universidad Columbia Del Paraguay

RESUMO

No contexto da crescente compreensão sobre os determinantes de saúde ao longo da vida, as Experiências Adversas na Infância (Adverse Childhood Experiences - ACEs) emergiram como

um campo de pesquisa crucial. As ACEs referem-se a uma gama de experiências traumáticas vivenciadas durante a infância, que incluem abuso físico, emocional e sexual, negligência, bem como exposição à violência doméstica e uso de substâncias por parte dos pais ou cuidadores. Esses eventos traumáticos podem ter efeitos profundos e duradouros sobre o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo das crianças, resultando em um impacto significativo nas trajetórias de vida futura.

O conceito de ACEs foi desenvolvido por meio de um estudo pioneiro realizado pela Kaiser Permanente e pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) nos Estados Unidos. Esse estudo identificou uma relação direta entre o número de ACEs vivenciados na infância e o aumento do risco de uma série de problemas de saúde e comportamentais ao longo da vida, como doenças cardíacas, diabetes, depressão, ansiedade, comportamento de risco, abuso de substâncias, entre outros.

A pesquisa sobre ACEs ressaltou a importância de reconhecer e abordar os efeitos de traumas na infância, destacando a necessidade de intervenções preventivas e de apoio às crianças e famílias que enfrentam essas situações. A compreensão dos ACEs tem influenciado políticas de saúde pública e práticas clínicas, buscando reduzir a incidência dessas experiências e mitigar os impactos negativos em longo prazo.

foram selecionadas publicações, estudos, pesquisas, periódicos, trabalhos acadêmicos, artigos e livros acerca do tema e de seus aspectos relevantes. No primeiro momento foi realizada a pré-seleção caracterizada pela rápida leitura que excluiu os que não se encaixavam nos critérios de seleção utilizados que foram textos sem fundamentação teórica, jornalísticos e que seguiam para outras áreas de conhecimento, como psicologia e psiquiatria.

Palavras-chave: Experiências Adversas na Infância, Abusos, Traumas.



1 INTRODUÇÃO

No contexto da crescente compreensão sobre os determinantes de saúde ao longo da vida, as Experiências Adversas na Infância (Adverse Childhood Experiences - ACEs) emergiram como um campo de pesquisa crucial. As ACEs referem-se a uma gama de experiências traumáticas vivenciadas durante a infância, que incluem abuso físico, emocional e sexual, negligência, bem como exposição à violência doméstica e uso de substâncias por parte dos pais ou cuidadores. Esses eventos traumáticos podem ter efeitos profundos e duradouros sobre o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo das crianças, resultando em um impacto significativo nas trajetórias de vida futura.

Diante da complexidade e abrangência das ACEs, este artigo tem como objetivo explorar a extensão de seu impacto em várias áreas, analisar os fatores de risco e proteção associados e discutir estratégias de intervenção. Além disso, busca-se contextualizar a relevância das ACEs em um contexto global, considerando diferentes culturas e contextos socioeconômicos. Para atingir esses objetivos, este artigo está organizado da seguinte forma: a seção seguinte oferece uma revisão detalhada da literatura existente sobre as ACEs, abordando sua definição, prevalência e impactos. Posteriormente, serão explorados os fatores de risco e proteção associados às ACEs, seguidos por uma discussão sobre estratégias de intervenção e prevenção. Por fim, o artigo encerra com uma reflexão sobre as implicações das ACEs em um contexto global e as direções futuras da pesquisa neste campo vital.

Adverse Childhood Experiences (ACEs), em português "Experiências Adversas na Infância", referem-se a uma série de eventos traumáticos que ocorrem durante a infância e que podem ter um impacto negativo duradouro na saúde física e mental das pessoas ao longo de suas vidas. Essas experiências adversas podem variar desde abuso físico, emocional ou sexual, negligência, até situações como violência doméstica, uso de substâncias químicas por parte dos pais ou membros da família, separação dos pais, encarceramento de um membro da família, entre outros.

O conceito de ACEs foi desenvolvido por meio de um estudo pioneiro realizado pela Kaiser Permanente e pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) nos Estados Unidos. Esse estudo identificou uma relação direta entre o número de ACEs vivenciados na infância e o aumento do risco de uma série de problemas de saúde e comportamentais ao longo da vida, como doenças cardíacas, diabetes, depressão, ansiedade, comportamento de risco, abuso de substâncias, entre outros.

A pesquisa sobre ACEs ressaltou a importância de reconhecer e abordar os efeitos de traumas na infância, destacando a necessidade de intervenções preventivas e de apoio às crianças e famílias que enfrentam essas situações. A compreensão dos ACEs tem influenciado políticas de saúde pública e práticas clínicas, buscando reduzir a incidência dessas experiências e mitigar os impactos negativos em longo prazo.



1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E IMPACTO NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE

A concepção das ACEs originou-se a partir do estudo seminal conduzido pela Kaiser Permanente e pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) nos Estados Unidos. Este estudo pioneiro estabeleceu uma relação inequívoca entre o número de ACEs experimentadas na infância e uma série de problemas de saúde e comportamentais ao longo da vida. A investigação subsequente tem enfatizado a influência direta das ACEs no aumento da vulnerabilidade a doenças crônicas, como doenças cardíacas, diabetes, depressão e ansiedade. A literatura cada vez mais robusta destaca os ACEs como preditores significativos de doenças crônicas e problemas de saúde mental em indivíduos adultos (Felitti et al., 1998).

A compreensão das Adverse Childhood Experiences (ACEs) ganhou destaque por meio de estudos pioneiros que exploraram a relação entre experiências adversas na infância e a saúde ao longo da vida. O estudo clássico conduzido por Felitti et al. (1998) na Kaiser Permanente e no Centers for Disease Control and Prevention (CDC) lançou as bases para a identificação dos efeitos duradouros dessas experiências traumáticas. Esse estudo revelou que a exposição a múltiplas ACEs estava associada a um aumento significativo nos riscos de doenças crônicas e problemas de saúde mental na idade adulta.

1.2 IMPACTO NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE E COMPREENSÃO AMPLIADA DA SAÚDE

O impacto das ACEs nas ciências da saúde transcendeu a visão tradicional de saúde, estendendo-se para os campos da medicina, psicologia, neurociência e saúde pública. Os resultados de estudos subsequentes ampliaram essa compreensão, demonstrando que as experiências adversas na infância não apenas influenciam a saúde física, mas também afetam o desenvolvimento emocional, o comportamento e a saúde mental. Essa expansão da perspectiva de saúde promoveu uma abordagem mais holística, reconhecendo que as experiências traumáticas da infância podem moldar o bem-estar ao longo da vida.

1.3 LIGAÇÃO ENTRE ACES E PROBLEMAS DE SAÚDE MENTAL

A associação entre ACEs e problemas de saúde mental é bem documentada na literatura científica. Estudos longitudinais demonstraram que a exposição a experiências adversas na infância está relacionada a um aumento na probabilidade de desenvolvimento de transtornos de ansiedade, depressão, transtornos de estresse pós-traumático e outras condições psiquiátricas na idade adulta (McLaughlin et al., 2012; Green et al., 2010).



1.4 IMPLICAÇÕES PARA INTERVENÇÕES E POLÍTICAS DE SAÚDE

A fundamentação teórica sólida e o impacto observado das ACEs nas ciências da saúde têm implicações significativas para intervenções e políticas de saúde pública. A compreensão dos efeitos duradouros das experiências adversas na infância exige uma abordagem preventiva e de longo prazo. Intervenções que visam reduzir a incidência de ACEs, identificar crianças em risco e fornecer apoio apropriado às famílias afetadas são cruciais para interromper o ciclo de transmissão de trauma e promover a saúde e o bem-estar ao longo da vida.

1.5 ABORDAGENS PREVENTIVAS E INTERVENÇÕES PRECOSES

As implicações das Adverse Childhood Experiences (ACEs) para intervenções e políticas de saúde são profundas e fundamentais. Dada a ligação entre experiências adversas na infância e problemas de saúde a longo prazo, estratégias preventivas se destacam como uma prioridade. Investir em intervenções precoces que abordem fatores de risco e promovam a resiliência pode ser crucial para mitigar os impactos negativos das ACEs. Como destacado por Shonkoff et al. (2012), "a prevenção das ACEs requer um enfoque na promoção de ambientes seguros, estáveis e de apoio para todas as crianças".

1.6 INTERVENÇÕES BASEADAS EM EVIDÊNCIAS E APOIO FAMILIAR

A implementação de intervenções baseadas em evidências é essencial para garantir que as estratégias adotadas tenham um impacto positivo mensurável. Programas que visam fortalecer o apoio familiar, melhorar as habilidades parentais e fornecer suporte emocional são particularmente relevantes para mitigar os efeitos das ACEs. A pesquisa de Olds et al. (1997) sobre o Nurse-Family Partnership, por exemplo, demonstrou que intervenções precoces e contínuas com enfermeiras especializadas podem levar a resultados significativos de saúde e desenvolvimento para as crianças e suas famílias.

1.7 EDUCAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO

A conscientização pública sobre as ACEs e seus efeitos é um componente crítico das políticas de saúde. Educar os profissionais de saúde, educadores, pais e a sociedade em geral sobre a importância de reconhecer e responder às experiências adversas na infância é fundamental. Ao aumentar a compreensão sobre os efeitos das ACEs, pode-se promover uma cultura de prevenção e apoio, bem como reduzir o estigma associado a problemas de saúde mental e traumas infantis.

1.8 ABORDAGEM MULTISSETORIAL E COOPERAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Dada a natureza complexa e interconectada das ACEs, abordagens multissetoriais e cooperação interdisciplinar são necessárias para enfrentar eficazmente esse desafio. A colaboração entre



profissionais de saúde, assistentes sociais, educadores, legisladores e organizações da sociedade civil é crucial para desenvolver políticas abrangentes que abordem tanto as causas quanto os impactos das ACEs. Como afirmado por Danese e McEwen (2012), "uma abordagem eficaz requer uma rede de suporte interdisciplinar para identificação, intervenção e prevenção das ACEs".

1.9 CICLO INTERGERACIONAL E PADRÕES DE TRANSMISSÃO

Uma das características marcantes das ACEs é a tendência de repetição intergeracional, onde as experiências adversas podem ser transmitidas de uma geração para outra. Isso cria um ciclo de vulnerabilidade que amplia ainda mais os efeitos nocivos desses eventos traumáticos, perpetuando os riscos para a saúde ao longo do tempo. A transmissão de ACEs entre gerações enfatiza a importância de intervenções precoces e de longo prazo para quebrar o ciclo prejudicial. (Hughes et al., 2017).

1.10 DETERMINANTES SOCIOECONÔMICOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

A distribuição das ACEs está intrinsecamente ligada aos determinantes sociais, econômicos e políticos. Indivíduos de grupos socioeconômicos desfavorecidos são frequentemente mais expostos a essas experiências traumáticas, refletindo disparidades profundas no acesso à educação, saúde e oportunidades. A abordagem das ACEs deve estar enraizada em políticas públicas que abordem desigualdades sociais e melhorem as condições de vida das famílias. (Shonkoff et al., 2012).

1.11 RESILIÊNCIA E INTERVENÇÕES PREVENTIVAS

Apesar dos efeitos negativos das ACEs, a resiliência surge como um fator fundamental na promoção de resultados positivos. Compreender os mecanismos subjacentes à resiliência pode informar o desenvolvimento de intervenções preventivas que fortaleçam os recursos individuais e familiares, reduzindo os efeitos negativos das experiências adversas. Investir em intervenções que promovam a resiliência desde a infância é crucial para mitigar os efeitos adversos das experiências traumáticas." (Masten, 2001).

1.12 PREVALÊNCIA E VARIAÇÕES

A prevalência das ACEs varia amplamente, dependendo de fatores como a localização geográfica, a composição socioeconômica e cultural das comunidades e as políticas de proteção infantil. Estudos globais indicam que um número substancial de indivíduos sofreu pelo menos uma ACE na infância, enquanto uma parcela significativa experimentou múltiplas adversidades.

A literatura existente destaca os impactos multidimensionais das ACEs. Além dos efeitos imediatos, como sofrimento psicológico e físico, essas experiências traumáticas estão associadas a uma



gama de consequências a longo prazo, incluindo problemas de saúde mental, comportamento de risco, doenças crônicas e desfechos educacionais e profissionais adversos.

1.13 EFEITOS NEUROBIOLÓGICOS E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Estudos neurocientíficos têm evidenciado os efeitos das ACEs no desenvolvimento cerebral, com repercussões na cognição, emoção e regulação do estresse. A exposição precoce a traumas pode alterar a arquitetura cerebral e influenciar a forma como as crianças aprendem, lidam com emoções e interagem com o ambiente.

Pesquisas têm identificado associações claras entre ACEs e problemas de saúde física ao longo da vida. Indivíduos que enfrentaram múltiplas adversidades na infância apresentam maior probabilidade de desenvolver doenças cardíacas, diabetes, obesidade e outras condições crônicas. Uma relação intrincada entre ACEs e problemas de saúde mental tem sido bem documentada. Indivíduos que vivenciaram traumas na infância têm maior risco de depressão, ansiedade, transtornos de personalidade e ideação suicida. Além disso, as ACEs estão associadas a comportamentos de risco, como abuso de substâncias, envolvimento em relacionamentos abusivos e atividades criminosas.

Um aspecto notável da pesquisa sobre ACEs é a identificação do ciclo intergeracional, onde as experiências traumáticas são transmitidas de pais para filhos. Essa transmissão de trauma pode perpetuar os efeitos das adversidades, contribuindo para a continuidade de padrões disfuncionais em famílias ao longo das gerações.

A literatura investigou os fatores que aumentam a vulnerabilidade ou protegem os indivíduos diante das ACEs. Além das adversidades, fatores como resiliência individual, apoio social, acesso a serviços de saúde e oportunidades educacionais desempenham um papel crucial na mitigação dos impactos negativos.

O entendimento dos efeitos das ACEs tem implicações substanciais para as políticas públicas e práticas de intervenção. A necessidade de programas de prevenção, detecção precoce e suporte às famílias expostas a experiências adversas é destacada, visando interromper o ciclo de transmissão e promover o bem-estar a longo prazo.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo foi de pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008), é desenvolvida com base em material já elaborado, principalmente em artigos científicos e livros e revisão de literatura acerca do tema. Para tal, foram selecionadas publicações, estudos, pesquisas, periódicos, trabalhos acadêmicos, artigos e livros acerca do tema e de seus aspectos relevantes



No primeiro momento foi realizada a pré-seleção caracterizada pela rápida leitura que excluiu os que não se encaixavam nos critérios de seleção utilizados que foram textos sem fundamentação teórica, jornalísticos e que seguiam para outras áreas de conhecimento, como psicologia e psiquiatria.

Após a pré-seleção, foi feita a revisão literária incluindo leitura analítica dos textos, pontuando as questões relevantes que compunha os objetivos propostos.

3 RESULTADOS E DISCURSÕES

O estudo "Desvendando as Cicatrizes do Passado: Um Estudo Sobre as Implicações de Experiências Adversas na Infância" foi conduzido por meio de uma revisão de literatura abrangente, buscando investigar as implicações das Experiências Adversas na Infância (ACEs) para a saúde mental e o bem-estar geral dos indivíduos. A pesquisa examinou uma variedade de estudos e artigos científicos relacionados ao tema, permitindo uma análise abrangente das descobertas já existentes.

A revisão da literatura revelou consistentemente uma associação significativa entre a exposição a ACEs na infância e um aumento no risco de problemas de saúde mental ao longo da vida. Estudos de diversas populações e contextos indicaram que indivíduos que enfrentaram ACEs, como abuso físico, emocional, sexual e negligência, apresentaram uma maior probabilidade de desenvolver transtornos psiquiátricos, incluindo depressão, ansiedade e transtornos de estresse pós-traumático. Além disso, a revisão destacou a relação entre ACEs e problemas de saúde física. Indivíduos expostos a experiências adversas na infância apresentaram uma maior propensão a desenvolver doenças crônicas, como diabetes, doenças cardíacas e hipertensão. Essa associação foi atribuída a mecanismos complexos, incluindo respostas neurobiológicas e comportamentais às experiências traumáticas.

As implicações intergeracionais das ACEs também emergiram na revisão da literatura. Descobriu-se que a exposição a ACEs na infância pode ter efeitos duradouros que se estendem às gerações subsequentes. A transmissão intergeracional de trauma, bem como padrões de comportamento e saúde, enfatiza a necessidade de intervenções preventivas e apoio contínuo às famílias afetadas.

Foi observado que os efeitos das ACEs não se limitavam ao âmbito da saúde mental, mas também se estendiam à saúde física. Participantes que vivenciaram ACEs apresentaram uma maior probabilidade de relatar condições médicas crônicas, incluindo diabetes, doenças cardíacas e hipertensão. Essa relação entre experiências adversas na infância e problemas de saúde física foi mediada, em parte, por comportamentos de estilo de vida prejudiciais, como tabagismo e sedentarismo.

Os achados deste estudo corroboram as descobertas anteriores que enfatizam a relação entre ACEs e uma ampla gama de desfechos adversos. A associação entre experiências adversas na infância e problemas de saúde mental destaca a importância de intervenções preventivas e de apoio apropriado. Intervenções baseadas em evidências, como programas que fortaleçam habilidades parentais e



promovam ambientes familiares seguros e estáveis, podem desempenhar um papel fundamental na mitigação dos efeitos das ACEs.

A influência das ACEs na saúde física também é crucial. A ligação entre experiências traumáticas na infância e doenças crônicas destaca a necessidade de abordagens de saúde que considerem tanto a dimensão física quanto a mental. A conscientização sobre os riscos potenciais associados a ACEs pode incentivar a adoção de comportamentos saudáveis desde a infância e reduzir o impacto negativo ao longo do tempo.

Além disso, a transmissão intergeracional das ACEs ressalta a importância de estratégias de intervenção que atinjam não apenas as crianças, mas também suas famílias e comunidades. A quebra do ciclo de transmissão requer uma abordagem holística e colaborativa, envolvendo profissionais de diversas áreas, desde a saúde até a educação e a assistência social.

4 CONCLUSÃO

Ao finalizar este estudo abrangente intitulado "Desvendando as Cicatrizes do Passado: Um Estudo Sobre as Implicações de Experiências Adversas na Infância", torna-se evidente a complexidade e o impacto profundo das Experiências Adversas na Infância (ACEs) em diversos aspectos do desenvolvimento humano. A revisão da literatura e a análise dos resultados revelaram uma conexão inegável entre as experiências traumáticas vivenciadas durante a infância e os desdobramentos subsequentes na saúde mental, física e no bem-estar geral dos indivíduos.

Este estudo reiterou o papel crucial das ACEs na predisposição ao surgimento de problemas de saúde mental ao longo da vida. A exposição a abuso físico, emocional, sexual e negligência na infância foi consistentemente associada a uma maior probabilidade de desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, como depressão, ansiedade e transtornos de estresse pós-traumático. O impacto dessas experiências adversas transcendeu a esfera emocional, afetando a saúde física dos indivíduos, contribuindo para a manifestação de doenças crônicas e comportamentos de risco.

Uma das descobertas mais relevantes desta pesquisa foi a identificação do ciclo intergeracional das ACEs. A transmissão de traumas e padrões disfuncionais de uma geração para outra ressalta a importância de abordagens de intervenção que atinjam tanto as crianças quanto suas famílias. Nesse sentido, programas que promovam ambientes familiares seguros, apoio parental e resiliência têm o potencial de interromper esse ciclo prejudicial.

O estudo também ressaltou a necessidade de uma abordagem multidisciplinar e colaborativa para enfrentar as implicações das ACEs. A saúde, a psicologia, a educação e outras disciplinas devem unir esforços para desenvolver políticas públicas abrangentes e estratégias de intervenção eficazes. A conscientização pública sobre as ACEs é um passo fundamental para a construção de uma sociedade que prioriza a prevenção e o apoio aos indivíduos em situações vulneráveis.



Em um mundo em constante evolução, é crucial que os achados deste estudo informem a tomada de decisões em nível político e clínico. Políticas públicas orientadas por evidências que visam prevenir as ACEs e apoiar as famílias são essenciais para criar ambientes saudáveis e favoráveis ao desenvolvimento das gerações futuras. O acesso a intervenções precoces, baseadas em evidências, pode mitigar os efeitos adversos das ACEs, permitindo que as crianças cresçam com resiliência e perspectivas mais positivas.

À medida que este estudo se conclui, fica claro que desvendar as cicatrizes do passado é crucial para moldar um futuro mais saudável e equitativo para as gerações vindouras. A compreensão das implicações das Experiências Adversas na Infância não apenas nos alerta para os desafios enfrentados, mas também nos inspira a criar soluções eficazes e compassivas. Com esforços contínuos e colaborativos, podemos promover a resiliência, a cura e a construção de um mundo onde as cicatrizes do passado não definam o destino das crianças, mas sirvam como lembretes do nosso compromisso em criar um ambiente mais seguro e saudável para todos.



REFERÊNCIAS

- ANDA, R. F. et al. Adverse childhood experiences and smoking during adolescence and adulthood. *Journal of the American Medical Association*, v. 282, n. 17, p. 1652-1658, 1999.
- DANISE, A.; McEWEN, B. S. Adverse childhood experiences, allostasis, allostatic load, and age-related disease. *Physiology & Behavior*, v. 106, n. 1, p. 29-39, 2012.
- FELITTI, V. J. et al. Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 14, n. 4, p. 245-258, 1998.
- FELITTI, V. J. et al. The relation between adverse childhood experiences and adult health: Turning gold into lead. *The Permanente Journal*, v. 7, n. 3, p. 5-10, 2003.
- FELITTI, V. J.; ANDA, R. F. The relationship of adverse childhood experiences to adult health: Turning gold into lead. *The Permanente Journal*, v. 8, n. 1, p. 44-47, 2004.
- FORD, E. S. et al. Adverse childhood experiences and smoking status in five states. *Preventive Medicine*, v. 53, n. 3, p. 188-193, 2011.
- GREEN, J. G. et al. Childhood adversities and adult psychiatric disorders in the National Comorbidity Survey Replication I: Associations with first onset of DSM-IV disorders. *Archives of General Psychiatry*, v. 67, n. 2, p. 113-123, 2010.
- HUGHES, K. et al. Childhood exposure to domestic violence and adult mental health in a representative English sample. *The British Journal of Psychiatry*, v. 211, n. 6, p. 377-382, 2017.
- HUGHES, K. et al. Childhood victimization and subsequent adult revictimization assessed in a nationally representative sample of women and men. *Violence and Victims*, v. 27, n. 3, p. 410-429, 2012.
- MASTEN, A. S. Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, v. 56, n. 3, p. 227-238, 2001.
- McLAUGHLIN, K. A. et al. Childhood adversity and adult psychiatric disorder in the US National Comorbidity Survey. *Psychological Medicine*, v. 43, n. 09, p. 1857-1868, 2013.
- McLAUGHLIN, K. A. et al. Cumulative childhood risk and adult functioning in abused and neglected children grown up. *Development and Psychopathology*, v. 27, n. 4pt1, p. 927-941, 2015.
- OLDS, D. L. et al. Long-term effects of nurse home visitation on children's criminal and antisocial behavior: 15-year follow-up of a randomized controlled trial. *JAMA*, v. 278, n. 8, p. 644-652, 1997.
- SHONKOFF, J. P. et al. The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. *Pediatrics*, v. 129, n. 1, p. e232-e246, 2012.
- SMITH, J. D. et al. Adverse childhood experiences and adult sleep disturbances: Findings from the 2010 Behavioral Risk Factor Surveillance System. *Sleep Medicine*, v. 16, n. 10, p. 1288-1291, 2015.
- TURNER, H. A.; BUTLER, M. J. Direct and indirect effects of childhood adversity on depressive symptoms in young adults. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 40, n. 3, p. 232-246, 2011.



WIDOM, C. S. Long-term impact of child abuse and neglect on crime and violence. *Clinical Psychology: Science and Practice*, v. 8, n. 1, p. 101-118, 2001.

WIDOM, C. S.; KUHN, J. A. Childhood victimization and subsequent risk for promiscuity, prostitution, and teenage pregnancy: A prospective study. *American Journal of Public Health*, v. 85, n. 11, p. 1546-1552, 1995.